

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ASSERTIVAS PARA PROFESSORES DE ESTUDANTES SURDOS

Nayane Silva Malta¹

Enos Figueiredo de Freitas²

RESUMO

Este Artigo aborda a importância da formação continuada para professores da Educação Básica, especialmente no contexto da educação inclusiva de estudantes surdos que se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Destaca-se a necessidade de os professores terem acesso à iniciação na comunicação em Libras e às práticas pedagógicas mais eficazes para potencializar o desenvolvimento acadêmico dos estudantes surdos. A pesquisa objetivou investigar como a formação continuada pode impactar a prática pedagógica dos professores que podem receber estudantes surdos na rede inclusiva. Parte do desenvolvimento desse empreendimento incluiu uma proposta de um mini curso que atendesse às necessidades dos docentes locais. Esse procedimento desenvolveu-se com as características da investigação qualitativa, de natureza básica, com viés metodológico exploratório e indutivo e do tipo observação participante. Ao analisar os dados, destaca-se a importância da difusão da Libras e a necessidade de promover a iniciação como estímulo para a comunicação com a comunidade surda. Além disso, ressalta a importância da disposição dos professores em mudar suas práticas pedagógicas, auxiliados por uma equipe multiprofissional - quando a instituição disponibiliza as condições de recursos humanos e afins na oferta inclusiva. Por conseguinte, constata-se que ofertar na formação continuada a iniciação linguística e o contato com as adaptações e estratégias didáticas visuais para os participantes, podem convergir para a evolução de uma melhor relação de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva de estudantes Surdos; Formação Continuada; Estratégias pedagógicas visuais.

ABSTRACT

This Article addresses the importance of further education for Basic Education teachers, especially in the context of inclusive education for deaf students who communicate through the Brazilian Sign Language (Libras). The need for teachers to have access to initiation into communication in Libras and the most effective pedagogical practices to enhance the academic development of deaf students is highlighted. The research aimed to investigate how continued training can impact the

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias, IF Baiano – campus Senhor do Bonfim

² Professor de Libras, orientador e Mestre em Educação, UNEB – IF Baiano campus Senhor do Bonfim

pedagogical practice of teachers who can receive deaf students in the inclusive network. Part of the development of this venture included a proposal for a mini course that would meet the needs of local teachers. This procedure was developed with the characteristics of qualitative research, of a basic nature, with an exploratory and inductive methodological bias and of the participant observation type. When analyzing the data, the importance of spreading Libras and the need to promote initiation as a stimulus for communication with the deaf community stands out. Furthermore, it highlights the importance of teachers' willingness to change their pedagogical practices, assisted by a multidisciplinary team - when the institution provides human resources and similar conditions in the inclusive offer. Therefore, it appears that offering linguistic initiation and contact with adaptations and visual teaching strategies for participants in continuing education can converge towards the evolution of a better teaching and learning relationship.

KEYWORDS: Inclusive Education for Deaf students; further education; Visual pedagogical strategies.

1 INTRODUÇÃO

A formação continuada para professores da Educação Básica é uma necessidade que precisa ser contemplada também no tocante à educação inclusiva de estudantes com surdez que se comunicam mediante a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Professores que tenham acesso à iniciação na comunicação em Libras e o contato com práticas pedagógicas mais assertivas para estudantes surdos, potencializariam um melhor desenvolvimento acadêmico. É vital proporcionar essas habilidades aos docentes, nos aspectos linguísticos e didáticos, visto que dessa forma poderiam ser ampliadas as condições para acolher melhor estudantes com surdez, na relação de ensino e aprendizagem. Pressupõe-se que docentes que são contemplados com formação continuada possam interagir um pouco mais em Libras e implementar diversas estratégias pedagógicas mais eficazes para o público estudantil surdo.

Considerando, a relevância da continuidade formativa, nos alinhamos aos estudos de Silva (2016), ao indicar que a formação inicial dos professores não é suficiente para prepará-los adequadamente para atuarem em sala de aula. Nesse sentido, a formação continuada surge como uma alternativa para complementar os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Conforme Marin (2002), é fundamental que a formação continuada dos professores propicie intercâmbio e

construção de novos saberes nas escolas, tendo em vista que esse espaço é um ambiente privilegiado para o aprimoramento dos educadores.

Outro aspecto pertinente é que nos filiamos à visão socioantropológica da surdez, na qual as pessoas que tenham um impedimento auditivo e se comuniquem mediante uma língua gestual-visual, como a Libras, tem essas características e potencialidades oriundas da sua experiência visual como sujeito que busca seu empoderamento acadêmico e social, na interação com as instituições educacionais. (Oliveira, 2011). Reconhecemos que geralmente estudantes com surdez enfrentam barreiras linguísticas, tendo em vista que o acesso ao português, que se constitui numa segunda língua para eles, depende da oportunidade do contato com profissionais capazes de oferecer o ensino de português como língua adicional. Além dos entraves relacionados à aquisição do português escrito, há diferentes posturas quanto à comunicação em Libras com os ouvintes, sendo uns mais dispostos e outros menos.

Este trabalho buscou investigar como a formação continuada pode impactar a prática pedagógica dos professores, favorecendo a inclusão dos surdos nas escolas comuns.

Com base nesse questionamento, nosso objetivo principal se constituiu em oferecer um curso de formação continuada que atenda às necessidades pedagógicas específicas dos professores locais, em uma escola comum e analisar os dados decorrentes desse itinerário. A fim de alcançar essa projeção, buscamos abordar de forma específica os seguintes aspectos:

- a) Iniciar a comunicação em Libras;
- b) Socializar práticas pedagógicas mais assertivas para estudantes surdos;
- c) Analisar os resultados da proposta implementada.

Com a intenção de contribuir tanto pedagogicamente quanto linguisticamente aos professores que atuam na escola Centro Educacional 13 de Junho, no distrito de Igara, propomos aos prospectivos participantes, uma programação de quatro encontros com duração de quatro horas em cada momento. Os participantes puderam dar algumas indicações mediante um formulário; e ao final da participação também aceitaram expressar suas conclusões mediante outro formulário. Este texto além de trazer as análises dos momentos formativos, também contempla algumas produções científicas que se aproximam da temática na revisão de literatura, bem

como traz correlações com diversos autores ao descrever tanto os aspectos metodológicos como a análise dos dados.

Justificando a inclinação para esse objeto a ser pesquisado, a investigadora partiu da realidade proximal na qual se engaja na busca por equidade para a irmã surda e amigos surdos. Nesse contexto, ela pôde observar algumas situações, inclusive destaca-se o medo dos pais ao matricular seus filhos com surdez em escolas que não possuem professores que promovam a inclusão junto aos alunos ouvintes, sendo que esse ambiente inóspito favorece a evasão dos estudantes surdos. Diante desses aspectos percebidos pela pesquisadora, partindo da realidade na qual algumas escolas de ensino regular e inclusivas no entorno, não estão devidamente preparadas para acolher alunos surdos, a investigadora propôs à comunidade profissional da qual faz parte, uma formação continuada para professores, na qual combina abordagens com estratégias pedagógicas assertivas e iniciação na comunicação em Libras.

Na sequência, organizamos este texto com uma revisão de literatura, o método de investigação e os instrumentos adotados e os resultados combinados com as análises correlacionadas.

2 DESENVOLVIMENTO (ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

Durante as pesquisas sobre formação continuada, foi possível observar um aumento significativo, nos últimos dez anos, nas iniciativas voltadas à inclusão de alunos surdos nas escolas regulares no Brasil. Considerando a relevância do tema nos dias atuais, optamos por selecionar alguns autores que discutiam sobre a formação contínua de professores em escolas comuns com ênfase na surdez.

Além disso, a pesquisa também demandou a consulta a materiais publicados, como livros e fontes eletrônicas, para servirem como base de conteúdo e correlação. As publicações foram fundamentais para o começo desta investigação, pois vários escritores já trataram do assunto em suas pesquisas, abordando a evolução da integração de pessoas surdas, sua cultura, as leis relacionadas à língua de sinais e os obstáculos enfrentados diariamente. Isso ressalta a relevância e a necessidade de estimular discussões sobre esse tema ao longo do tempo, buscando definir os princípios de uma prática inclusiva.

Durante a pesquisa observou-se que a legalização da Libras através da Lei número 10.436, datada de 24 de abril de 2002, oficializou e reconheceu essa língua

como legítima forma de interação e comunicação dos surdos brasileiros. Além disso, o Artigo 2º desse documento enfatiza a necessidade de promover o uso e a propagação da Libras como um meio de comunicação eficiente e compartilhado dentro das comunidades surdas do território nacional.

Contudo, o principal obstáculo para atender a essa exigência está na falta de profissionais devidamente capacitados para lecionar a Língua de Sinais nas faculdades de formação de professores. A partir da publicação do Decreto nº 5.626 no final de 2005, tornou-se necessário incluir o ensino de Libras nos currículos dos cursos de formação de docentes. Ao analisarmos a persistência de modelos educacionais com currículos atrelados ao século XIX, podemos concluir que mudanças são imprescindíveis. Conforme Imbernón (2006, p. 7):

[...] a profissão docente deve abandonar a concepção dominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidária, integradora.

Neste sentido observamos que a formação continuada desempenha um papel essencial no avanço do crescimento pessoal, profissional e institucional dos professores, permitindo-lhes aprimorar continuamente suas práticas conforme explicado por Imbernón (2010).

Compreendendo a importância de adotar metodologias inovadoras que considerem a perspectiva dos alunos surdos em relação ao mundo e suas habilidades cognitivas e acadêmicas, o educador precisa atualizar e aperfeiçoar constantemente sua abordagem de ensino. Sendo assim, torna-se vital a realização de um treinamento que possa atender a essas necessidades.

Assim, para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda a potencialidade visual que essa língua tem. Autores como Campello, citada por Lacerda e Santos (2013) defendem então que se trata de uma semiótica imagética: um novo campo que explora a visualidade a partir do qual podem ser investigados aspectos da cultura surda, da constituição da imagem visual presente nos surdos.

Dessa maneira, é essencial que os professores estejam preparados para integrar a comunidade surda na educação básica, por meio de projetos que proporcione

estes professores a realizar atividades que necessitam de habilidades, as quais devem ser adquiridas ao longo do processo de sua formação.

O estudo das formas de comunicação dos surdos na sociedade contemporânea e o da comunicação dos professores com os alunos são fundamentais para compreensão dos sujeitos. É importante registrar que não se pode lutar pela implementação de algo que não se conhece e, ao discutir o problema, os envolvidos devem ter consciência do que estão fazendo (Rocha, 2017, p. 76).

Imbernón (2010) e Rocha (2017) ressaltam a importância da formação para professores que foi estabelecida em 2005, via decreto, com a finalidade de colaborar com o aprimoramento da formação de professores e estudantes. O foco principal dessa rede são os professores que atuam na educação fundamental das redes públicas de ensino.

Neste contexto, ressaltamos a relevância da capacitação dos professores, especialmente aqueles que trabalham no ensino regular, para que reconheçam a importância da Libras no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo não fluente na língua de sinais. Apesar do aumento de estudantes surdos matriculados em escolas comuns, pesquisas indicam que esses alunos enfrentam obstáculos na interação e no diálogo com professores e colegas ouvintes resultando em impactos negativos em sua vida social e desempenho acadêmico (Silva, 2010).

Contudo, para que o treinamento tenha um impacto positivo no desempenho pedagógico, é fundamental que o professor demonstre disposição para mudar sua prática, esteja aberto a adotar novas abordagens e conte com o apoio da instituição de ensino para garantir as condições necessárias para efetivar tais mudanças. Nesse sentido, concordamos com a pertinência do seguinte excerto:

Oportunidade de qualificação, que parte da realidade do professor e de seus pares; buscando conhecimento sobre as especificidades do aluno surdo, num pensar e repensar sua prática pedagógica, de forma a proporcionar ao aluno surdo um atendimento adequado, visando seu desenvolvimento escolar (Souza, 2021, p. 45).

Portanto, é fundamental que os professores recebam formação continuada, pois a maneira como ensinam está intimamente ligada à sua concepção sobre a surdez. Aqueles que adotam uma abordagem socioantropológica, enxergando o aluno surdo em sua singularidade, tendem a ter práticas pedagógicas distintas daqueles que o veem sob uma ótica clínico-terapêutica, focada nos aspectos patológicos da surdez.

Conhecer a respeito dos temas relacionados a este assunto pode proporcionar

ao educador uma compreensão mais clara dos comportamentos particulares dos estudantes surdos na sala de aula, os quais estão diretamente ligados à sua cultura e identidade.

A capacitação também pode alterar a atitude pessoal do educador e sua forma de ensinar no exercício de lecionar para o aluno surdo, tornando-se um processo contínuo de análise e reflexão direcionado à complexidade, à incerteza que cercam o cotidiano do educador, com o intuito de aprimorar os conhecimentos e a prática educativa.

Portanto, para que a inclusão de alunos surdos seja eficaz, é essencial que a escola adote uma postura inclusiva, fortalecendo os elementos que a caracterizam como uma maneira eficaz que promova a inclusão real das pessoas surdas, associada com a oferta de aperfeiçoamento profissional para professores, pois é por meio dessa que os professores poderão se capacitar para esse atendimento e transmitir o conhecimento aos alunos Surdos com mais segurança e competência, por meio de práticas educativas que impactem positivamente a vida de seus alunos.

3 METODOLOGIA

Este texto é fruto de uma abordagem que apresenta os resultados de uma pesquisa que é classificada como sendo de natureza básica e utilizou o método qualitativo de modo indutivo para investigar um grupo de pessoas. A proposta investigativa teve como foco a formação continuada de professores no que diz respeito às práticas pedagógicas e comunicacionais relacionadas ao público estudantil com surdez; caracterizando-se assim como um estudo exploratório. A pesquisa qualitativa exploratória é uma abordagem que busca compreender de forma aprofundada e contextualizada um fenômeno específico, sem a intenção de realizar generalizações estatísticas. Por meio da coleta de dados detalhados, como observações, entrevistas e análise de documentos, essa metodologia visa explorar novas ideias, conceitos e perspectivas. Conforme ressaltado por Bogdan & Biklen:

A pesquisa qualitativa tem por finalidade frequentar os locais de estudo devido à sua preocupação com o contexto. Eles entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando observadas em seu ambiente natural. Para a pesquisa qualitativa, perder de vista o contexto do ato, da palavra ou do gesto é equivalente a perder o significado subjacente. Essa imersão no contexto possibilita uma compreensão mais profunda e

abrangente dos fenômenos investigados, contribuindo para uma análise mais contextualizada e significativa (Bogdan; Biklem, 1994, p.48).

Dessa forma, justificamos esse viés que adotamos para realizar o processo investigativo.

A seguir, também daremos sequência a justificar os demais aspectos metodológicos nos quais se situam esta pesquisa. O método indutivo envolve a coleta de dados, que observa padrões e tendências nesses dados com a formulação de uma hipótese geral com base nessas observações. Em seguida, essa hipótese geral é testada por meio de novas observações ou experimentos para verificar sua validade. Conforme descrito por Lakatos e Marconi (2007, p. 86).

Por sua vez, o método indutivo é um processo mental no qual, a partir de dados específicos suficientemente comprovados, infere-se uma verdade geral ou universal que não está contida nas partes examinadas. Dessa forma, os argumentos indutivos buscam chegar a conclusões cujo alcance é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. Essa abordagem permite a generalização a partir de observações particulares, ampliando o entendimento e possibilitando a inferência de princípios mais abrangentes.

Diante dessas premissas usuais no escopo de pesquisa qualitativa, decidimos utilizar um questionário prévio via forms como instrumento de diagnóstico dos participantes e um questionário impresso posterior ao mini curso para verificar a visão dos cursistas sobre formação, bem como um diário de registro para descrever os três encontros formativos.

O curso de formação continuada com o tema Boas práticas pedagógicas e comunicacionais para professores de estudantes surdos, foi oferecido aos educadores do Centro Educacional 13 de Junho, escola situada no Distrito de Igara, em Senhor do Bonfim-BA. Foram realizados três encontros aos sábados, com duração de 4 horas cada um, pela manhã, com a participação de 15 docentes que participaram na ocasião. O curso foi ministrado pelo professor Enos Figueiredo Freitas, que é graduado em Letras, com foco em Libras e cria material didático multimídia para alunos surdos e ouvintes. As aulas foram divididas em abordagens com temas teóricos (potencialidades cognitivas e comunicacionais dos surdos e as adaptações curriculares assertivas a serem ofertadas pelos docentes) combinadas com momentos de iniciação linguística em Libras (abordando a comunicação mediante frases e vocábulos utilizados nos cumprimentos e no contexto escolar). A investigadora e

participante observou e registrou a participação ativa dos envolvidos, permitindo que contribuíssem com suas experiências, conhecimentos e perspectivas para enriquecer o processo investigativo. Moreira (2002), aponta que o principal produto da observação participante é o que se conhece por relato etnográfico, entendido como “relatos detalhados do que acontece no dia-a-dia das vidas dos sujeitos e é derivado das notas de campo tomadas pelo pesquisador” (Moreira, 2002, p. 52). Essa constatação também se alinha com May (2004, p. 175) “Na prática, os observadores registram as suas próprias experiências, para entender os universos culturais que as pessoas ocupam”. E de acordo com o autor, esse procedimento também pode não antecipar uma hipótese; no entanto, posteriormente são registradas as conclusões.

Como observador participante, o pesquisador pode variar tecnicamente entre o envolvimento nos eventos e momentos de observação (Neto; 1994, p. 60), sempre reservando tempo para registrar as dinâmicas. Foi essa a postura adotada durante os encontros de formação continuada.

Uma técnica comum nesse contexto é a aplicação oral de questionários, conforme mencionado por Gold (citado por Moreira, 2002). Para registrar os resultados, foram realizadas anotações referentes às dinâmicas ocorridas nos três encontros, em um diário de bordo, a fim de oferecer um registro da execução dos momentos formativos. Outros instrumentos auxiliares adotados foram os questionários que combinam questões abertas e fechadas a fim de nos permitir captar as visões dos participantes sobre o itinerário formativo.

A fim de analisarmos os dados, seguimos a proposta da pesquisa social, em especial o que Minayo (1992) propõe, conforme a sistematização dialética de Gomes (1994, p.77,78) que combina dois níveis de análise. De acordo com os autores, no primeiro nível mantém-se a coerência com as categorias temáticas levantadas no contexto da pesquisa, e na sequência, no nível interpretativo, os dados são ordenados, classificados e analisados. Nessa última etapa, são estabelecidas “articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos”. (Gomes; 1994, p. 78,79).

Seguindo esses pressupostos, disponibilizamos o conteúdo dos questionários e das observações realizadas durante os três encontros, buscando destacar nos pontos principais o repertório literário sobre as categorias pertinentes.

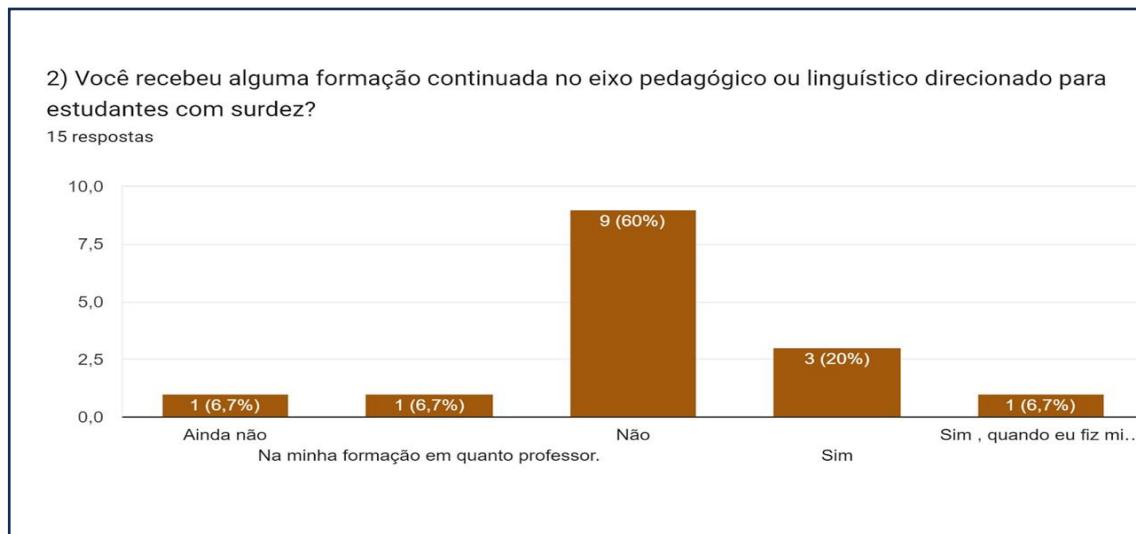
4. DISCUSSÕES/ANÁLISES/INTERPRETAÇÃO DOS DADOS)

A fim de obter um panorama dos participantes do itinerário ofertado, extraímos alguns dados do primeiro formulário para compor este texto. A questão 1, em itálico, interpelava o seguinte: Você já ministrou aula para turma inclusiva com estudante surdo? Todos responderam que ainda não haviam ministrado aulas para surdos.

No primeiro encontro do minicurso os participantes expressaram que não tinham contato direto com a comunidade surda, apenas ocasionais encontros. Esses dados indicam uma falta de interação devido, possivelmente, ao pouco acesso da comunidade surda aos espaços regulares de educação e a falta de oportunidade de contato com a Libras. Apesar da constatação de que todos os participantes não ministram aulas para estudantes surdos, alguns mencionaram que já viram estudantes com surdez antes e outros indicaram que tinham familiares nessa condição e mantiveram o compromisso de participar da formação.

Ainda buscando conhecer melhor o perfil dos prospectivos cursistas, a 2^a questão suscitava o seguinte questionamento: Você realizou algum tipo de formação continuada, na área pedagógica ou linguística, direcionada para alunos surdos? Na sequência constam as respostas e as análises.

Gráfico 1 – Respostas da questão 2 sobre a formação continuada



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O retorno dado pelos docentes demonstra que 9 dos 15 cursistas que responderam não receberam formação relacionada ao público estudantil com surdez, conforme apresentado no Gráfico 1. Destacando os dados mencionados acima, é

possível perceber que 26,7% já haviam recebido alguma formação referente aos estudantes surdos e sobre sua língua. Esse cenário indica a necessidade de mais oportunidades formativas referente à surdez no âmbito educacional. A maioria dos participantes (73,3%) afirmou nunca ter tido contato direto com ensino-aprendizagem relacionado à Língua Brasileira de Sinais. Aqueles que tiveram contato com a Libras durante sua formação inicial também relataram não ter tido experiência com alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem. Esses dados sugerem que os surdos do entorno daquela área de intersecção rural tiveram oportunidades reduzidas de acesso e há margem para promover mais cursos de Libras na região.

No terceiro questionamento, os participantes foram indagados sobre experiências positivas relacionadas ao ensino-aprendizagem com estudantes surdos. Nesse 3º quesito, 14 professores responderam que não tiveram nenhuma experiência e uma pessoa assinalou que gostaria de ter oportunidade de no futuro trabalhar com estudantes com surdez.

A quarta questão foi a seguinte: Gostaria de mencionar algum desafio na relação professor-aluno, focalizando estudantes surdos? Uma participante respondeu o seguinte: Ausência de intérpretes nas escolas onde se encontram esses estudantes. Os participantes destacaram que um dos maiores desafios enfrentados na educação inclusiva, na percepção deles, é a carência de intérpretes de Libras nas salas de aula e na comunicação com os alunos surdos. Essa dificuldade impacta diretamente a qualidade do ensino e a inclusão dos alunos com surdez. Dessas respostas os participantes enfatizam a necessidade de disponibilizar o profissional Tradutor e Intérprete de Libras a fim de mediar os contextos comunicacionais nas relações de ensino e aprendizagem. Sobre o relevante serviço que é necessário ser disponibilizado nas escolas, conforme Lacerda, 2009, p. 39 aponta que

Em relação ao papel do intérprete em sala de aula, se verifica que ele assume uma série de funções (ensinar língua de sinais, atender a demandas pessoais do aluno, cuidados com aparelho auditivo, atuar frente ao comportamento do aluno, estabelecer uma posição adequada em sala de aula, atuar como educador frente a dificuldades de aprendizagem do aluno) que o aproximam muito de um educador.

Sem dúvidas, o profissional Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) é o mediador de excelência para acessibilidade comunicacional e pode até agregar colaborativamente às funções de educador, o que certamente é desejável no ambiente educacional. Todavia, os professores precisam melhorar a performance

pedagógica e não transferir a didática e as atividades para o profissional que proporciona acessibilidade comunicacional.

A quinta questão foi a seguinte: Você gostaria de receber alguma formação continuada seja relacionada a praxe pedagógica ou referente à comunicação em Libras? Todos manifestaram interesse na proposta de minicurso. Duas pessoas acrescentaram que gostariam de melhorar a habilidade de conversar com surdos. Esse interesse para obter formação continuada é indicado como de suma importância, assim como ressalta Imbernón (2010), quando diz que nesses momentos ocorre reflexão prático-teórica acerca da práxis docente. Nesse sentido, foi animador constatar a disposição dos pares para ingressar na proposta que contempla aspectos atinentes às estratégias didáticas mais indicadas e o contato com a Língua Brasileira de Sinais.

O sexto questionamento, inquiriu o seguinte: Caso queira uma formação continuada (minicurso), o que gostaria de aprender? E em quantos encontros você poderia participar? Nos registros das respostas consta que pelo menos 6 respostas se relacionam com a intenção de se comunicar em Libras, ainda outras 4 adicionaram interesse em abordagens cotidianas e pedagógicas que sejam mais assertivas. Outros 5 apenas responderam que sim, queriam o minicurso. Quanto à quantidade de encontros, as respostas sugeriram entre 3 e 8. Para equalizar a oferta, durante as reuniões organizadas pela pesquisadora, que envolveram a escola e os professores regentes, inicialmente, foi proposto que o curso de formação teria 4 encontros com duração de 4 horas cada. No entanto, devido à agitação do dia a dia, surgiram obstáculos que dificultaram a participação. Após várias discussões, optou-se por reduzir para 3 encontros de 4 horas cada, a fim de tornar o curso mais acessível. Essa mudança no formato dos encontros destaca a importância da flexibilidade e da adaptação para atender às necessidades dos participantes. Ao mesmo tempo, o ajuste revela o peso das atividades durante a semana de modo que os fins de semana os docentes alocam para a formação continuada.

4.1 Os três encontros com abordagem pedagógica e de iniciação à comunicação em Libras

Para alcançar um desempenho educacional mais efetivo, destaca-se a relevância de propor e ofertar formação, inclusive continuada, aos educadores, como ressalta Piaget.

[...] a preparação dos professores constitui questão primordial de todas as reformas pedagógicas em perspectiva, pois enquanto não for a mesma resolvida de forma satisfatória, será totalmente inútil organizar belos programas ou construir belas teorias a respeito do que deveria ser realizado (Piaget, 1973, p. 62).

As habilidades docentes são essenciais para atender adequadamente à diversidade dos indivíduos na nossa sociedade. Diante do questionário respondido via google forms, decidimos oferecer três encontros mistos, sempre abordando os eixos teórico e prático; focando na rotina de atividades pedagógicas, combinados à iniciação nas habilidades de compreensão e expressão em Libras sobre determinados assuntos.

4.1.2 O primeiro encontro formativo

No primeiro encontro, o objetivo era compartilhar aspectos teóricos socioantropológicos sobre a surdez e apresentar as possibilidades de adaptações curriculares elaboradas por docentes. Além disso, também pretendemos iniciar na comunicação em Libras. Na ocasião, houve uma troca de conhecimento entre os participantes e o professor do curso de formação. Naquela oportunidade, foi abordada a diferença entre surdez e porque a condição de mudez não ocorre nesse público. Os professores comentaram os desafios que eles percebiam que eram enfrentados pelos docentes quando um aluno surdo ingressa na instituição sem um intérprete disponível.

Também foi discutida a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto histórico, social e educacional, bem como a conquista desse direito pela comunidade surda. Cabe assinalar que as evoluções observadas na educação de surdos nos últimos anos não devem ser interpretadas como meras mudanças de método, mas sim como uma transformação na compreensão dos sujeitos surdos e nas discussões acerca de sua língua, políticas educacionais e nas análises das relações de conhecimento como ressalta Skliar:

Entre as múltiplas contribuições que geraram essas mudanças, é imprescindível assinalar que a difusão dos modelos denominados de educação bilíngue e bicultural, e o aprofundamento teórico acerca das concepções sociais, culturais e antropológicas da surdez, se constituem como os elementos contemplados nessa modalidade de ensino (Skliar, 1989, p. 8).

Dessa forma, as características particulares da pessoa surda foram moldadas por sua jornada histórica, por sua língua visual-espacial, e a necessidade da comunicação, seus valores e crenças. Tomar consciência dessa construção ativa dos surdos, desse modelo educacional bilíngue, pode motivar os docentes a contribuírem melhor com a

aprendizagem dos estudantes com surdez. Nesse sentido, doravante, ressalta-se que a expressão verbal/sinalizada, constitui-se na maneira central de interação.

Outro ponto que foi dado atenção, foi sobre os meios que os professores poderiam explorar mais para adaptar em suas aulas e abordagens que se conectam às potencialidades dos surdos. Dentro do tempo disponível buscamos mostrar exemplos de lâminas de slides que precisam ser exibidas com imagens ou gifs durante a explanação de um assunto, bem como as atividades que precisam também ser enriquecidas com imagens. Essa parte visual precisa ser apresentada como possível de ser executada porque muitos docentes imaginam que por não saberem se comunicar em Libras, nada podem fazer em suas aulas ou avaliações que contemplam os surdos. Embora a questão linguística seja essencial, elaborar mídias com recursos visuais também é um fator que precisa ser demonstrado e assim foi feito, sempre enfatizando que adaptar as lâminas dos slides das aulas tanto é possível como necessário.

Em sincronia, o segundo eixo formativo, também contemplou os cursistas que foram instruídos a sinalizar em Libras, pois os sinais são essenciais para a comunicação com pessoas surdas.

Levando em consideração o potencial de contribuição docente, nos aspectos pedagógicos e comunicacionais, no contexto de escola inclusiva, o primeiro encontro objetivou contemplar esses dois eixos. Uma contribuição que os professores foram encorajados a ofertar aos estudantes, são as abordagens ancoradas em mais recursos visuais concretos/digitais. Numa apresentação expositiva e dialogada, uma série de 11 sugestões de possíveis adaptações curriculares que contemplam estudantes com surdez foi socializada com a turma. Inclusive a socialização do material foi entregue de forma impressa, assim como foi disponibilizada em forma digital no grupo de *Whatsapp* da turma (o material também pode ser acessado em: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/bonfim/files/2022/07/ADAPTACOES-PARA-ESTUDANTES-SURDOS.pdf>

Ou também no Qr code a seguir ).

Dentre as orientações, a ênfase foi direcionada à pertinência das imagens, vídeos curtos, gifs ou maquetes e demais elementos concretos como meios didáticos bastante pertinentes para contemplar a assimilação visual pelo estudante surdo. Ainda foi destacado que as adaptações curriculares fazem parte de um conjunto empírico,

já submetido em publicação de artigo, que efetivamente potencializa a ação docente e favorece a evolução da aprendizagem.

Os cursistas também eram convidados a falarem sobre a viabilidade de oferecer aulas enriquecidas e ancoradas com recursos visuais. Os professores também receberam modelos impressos de atividades adaptadas, permeadas com questões e imagens, a fim de inspirá-los em suas futuras produções. Nessa mesma perspectiva, o formador mostrou tutoriais de como criar atividades no word inserindo imagens, links e QR codes para futuras impressões ou compartilhamentos. Por fim, foi sugerido e demonstrado que os participantes podem criar ou manipular fotos, seja por tirar fotos inéditas com celulares ou formatando as imagens no Power Point a fim de atingir objetivos didáticos.

Finalizando o primeiro dia, os participantes receberam material linguístico impresso, folder, destacando o alfabeto manual e os números. Cada participante pôde aprender a sinalizar o nome e a idade em Libras. Foi perceptível que alguns estavam mais dispostos a iniciar a sinalização em Libras e uma quantidade menor expressava acanhamento ou desconforto com a parte prática de comunicação. Os participantes também aprenderam dois comprimentos básicos como bom dia e boa tarde. Apesar da empolgação da turma, o horário combinado foi alcançado. Ficou estabelecido como proposta de desafio para o próximo encontro que os participantes criassem uma atividade permeada com mais recursos visuais, embora o tema ficasse livre para a escolha deles, sugerimos histórias infantis como um ponto que poderia ser trabalhado e combinamos que alguns modelos de atividades adaptadas com recursos visuais seriam compartilhados no grupo digital da turma. Além desses assuntos, foram apresentados e disponibilizados dois tutoriais para auxiliar na captura, composição e organização de imagens tanto no Power Point como no Word. Os tutoriais também podem ser consultados em: Tutorial 1: https://youtu.be/L_sTEBqLPTg?si=Py4oA07qge8y2Bv; Tutorial 2: <https://youtu.be/LIB69hDhwhw?si=INQtwqqwZPqqGcxU>.

Destarte, toda a abordagem sobre a pertinência e a maneira de inserir mais recursividade visual como forma de adaptação curricular de pequeno porte, foi a parte formativa mais enfatizada. Isso se dá porque conforme as autoras Lacerda, Santos e Caetano (2013, p. 191) reconhecem que “não basta apenas dominar a língua se não existir uma metodologia adequada para apoiar o que se está explanando” [...] e que “uma boa apresentação de slides, por exemplo, [...] para os alunos surdos é

essencial." Nessa ocasião alguns professores expressaram gratidão por explicarmos de forma clara como colocar imagens nos slides ou como colocar no word de modo a gerar o material para imprimir. Tendo em vista todo esse percurso, acreditamos que o objetivo delineado tenha sido alcançado.

4.1.3 O segundo encontro de formação continuada

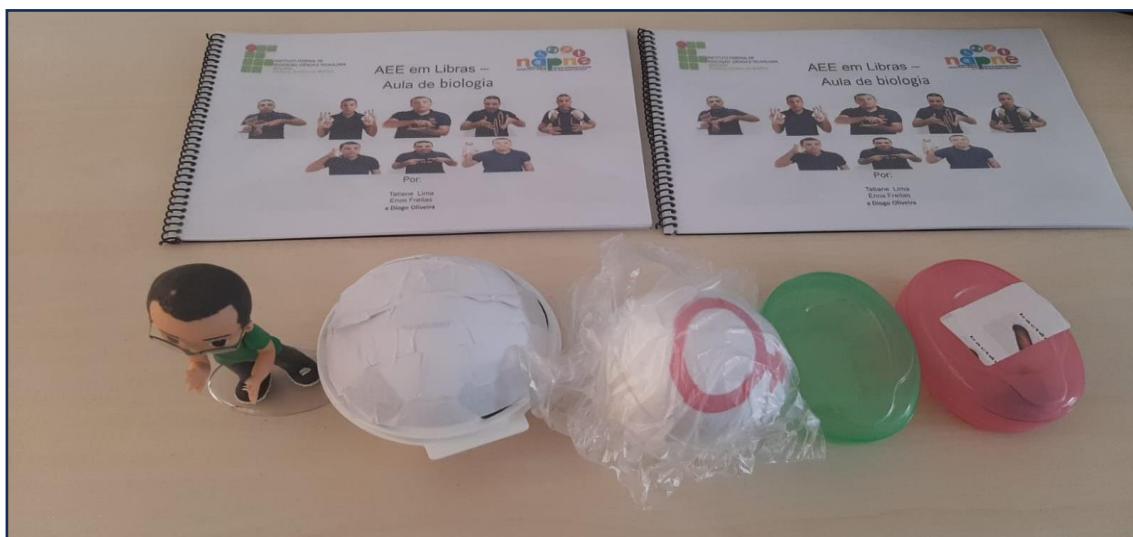
O segundo encontro formativo, visou iniciar os participantes na compreensão e expressão em Libras e os professores aprenderam a se comunicar utilizando sinais básicos, como as letras do alfabeto, os meses do ano, os dias da semana e também como sinalizar alguns pontos de referência. Eles puderam praticar sinais para se comunicar em diferentes ambientes, como na escola, no ponto de ônibus, no supermercado, na feira, no hospital e em outros lugares que os participantes indicassem. Nessa primeira parte, além da exposição do vocabulário em Libras, pequenas frases também eram apresentadas como insumo linguístico para os participantes ampliarem a habilidade de compreensão. Em seguida, os participantes recebiam atividades impressas com fotos em Libras nas quais haviam frases ou vocábulos relacionados ao contexto abordado. Após o tempo de concessão para a resolução, os participantes podiam sinalizar as respostas em Libras, durante a correção. Uma das atividades envolvia os cumprimentos e foi respondida e sinalizada pelos professores.

A segunda parte do encontro, dedicou-se ao aspecto da produção docente das atividades com adaptações que incluem recursos visuais. Alguns participantes do curso ministram aulas em diversas disciplinas, abrangendo desde o Maternal I e II ao Fundamental II, com disciplinas como Português, Matemática, Geografia, História, Educação Física e Ciências, adicionando Física, Química e Biologia no Fundamental II. Há uma diversidade de profissionais em diferentes níveis de ensino e demonstra que o curso de boas práticas comunicacionais pedagógicas em Libras é altamente viável. A variedade de níveis de ensino dos participantes indica que a formação continuada em Libras pode ajudar os professores a melhorar as estratégias pedagógicas tornando-as mais eficazes e aplicáveis em diferentes contextos educacionais.

A fim de tornar ainda mais palpável como os recursos visuais podem ser agregados às aulas, os participantes do curso visualizaram na prática como é importante utilizar recursos imagéticos, incluindo os concretos.

Foi dado um exemplo de uma aula de Biologia sobre citologia, na qual o professor mostrou materiais como saboneteiras, clipe, massinha de modelar, molas e bolas de isopor para representar uma célula e/ou organelas e suas funções como mostra na (Figura 1).

Figura 1 – Recursos visuais concretos sobre células.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

A intenção era enfatizar a relevância de recursos visuais que podem ser concretos e confeccionados pelos docentes de acordo com o tema a ser abordado. Em seguida, os participantes receberam uma atividade impressa envolvendo as células e seus processos nos seres vivos. As questões foram montadas dando possibilidade do estudante explorá-las mediante as imagens.

Então nessa segunda parte da oficina, ficou evidente a importância de associar recursos visuais ao conteúdo para tornar a aula mais dinâmica e eficaz para os alunos surdos. Nessa perspectiva, endossamos o seguinte apontamento,

Diante de toda demanda e acesso às informações, o educador ao lançar mão de recursos visuais em suas estratégias de ensino, principalmente nas aulas valorizará a experiência visual do aluno surdo (Karnopp, 2012, p.104)

Essas palavras ressaltam a experiência visual dos surdos como uma aptidão que os docentes podem contemplar com materiais para visualização. Durante o minicurso esse aspecto da abordagem das aulas ou avaliações, ancorada por recursos que

podem ser visualizados, foi bastante enfatizado e demonstrado como aplicar de várias maneiras.

é relevante pensar em uma pedagogia que atenda às necessidades dos alunos surdos que se encontram imersos em um mundo visual e apreendem a partir dele, a maior parte para a construção do seu conhecimento. [...] Assim, para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda a potencialidade visual que uma língua tem. (Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 186).

A intenção foi dar subsídios para que os docentes percebessem que na sua prática pedagógica podem sim ofertar aulas e atividades que contemplam a potencialidade cognitiva e visual dos surdos, levando em consideração que alguns imaginavam que por não saberem Libras não poderiam contribuir pedagogicamente com nada.

4.1.4 O terceiro encontro do minicurso

No terceiro encontro, o intuito foi priorizar a comunicação em Libras. O professor mostrou algumas situações de conversação na qual as pessoas perguntam as horas ou mesmo falam sobre alguns compromissos ou situações em determinados horários. Por exemplo, pela manhã, as pessoas preparam algum alimento e vão trabalhar, os sinais pertinentes a esse tipo de situação foram sinalizados e pequenas frases foram colocadas para os participantes sinalizarem. Em seguida, os professores também recebiam atividades impressas com fotos e frases em Libras a fim de fixarem um pouco mais os exemplos apresentados. Durante a correção, os cursistas também eram incentivados a sinalizar em Libras.

Um outro contexto abordado foi sobre as situações de sala de aula, envolvendo desde alguns materiais até ocasiões de interação com um aluno. Além, da oferta de atividades e os momentos para sinalização/correção, cada participante foi desafiado a seguir uma estrutura modelo para produzir um vídeo sinalizando em Libras. O objetivo era que a pessoa pudesse indicar de modo breve, pelo menos uma atividade que realizava pela manhã, ao meio-dia e ao anoitecer. Observamos que apenas 5 professores aceitaram gravar um vídeo com a sua rotina diária e postar no grupo da turma. Essa foi uma atividade de introdução à língua de sinais que os participantes realizaram de forma individual, infelizmente a adesão foi abaixo da expectativa.

Na segunda parte desse terceiro encontro, ficou combinado que as duplas ou trios apresentariam, em língua portuguesa, suas produções com atividades adaptadas

contendo mais recursos imagéticos. Cada equipe poderia escolher um conteúdo e montar a forma de compor o texto e as questões com um tema que tivessem mais afinidade. Diversos modelos impressos foram entregues para inspirar os cursistas e outros modelos digitais foram compartilhados no grupo da turma (vide Figura 2).

Figura 2 – Modelos compartilhados com os estudantes; A) História infantil do Caillou; B) Atividade sobre citologia.



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Uma equipe com três participantes desenvolveu uma atividade adaptada com uma história infantil composta numa sequência imagética. O grupo também trouxe a versão impressa. A atividade era composta inicialmente com o texto permeado por imagens da história do Rato do campo e o rato da cidade. A equipe montou um exercício apoiado em sequências de imagens da narrativa exibida em vídeo, conforme pode ser consultar a Figura 3.

Figura 3 – Produção da atividade pela equipe de cursistas, sobre o Rato do campo e o rato da cidade

CENTRO EDUCACIONAL 13 DE JUNHO

Aluno (a): _____ **Série:** _____ **Data:** _____ / _____ / _____
Pró: _____ **Turno:** _____

ATIVIDADE

Damião e Silvana

1) De acordo com o vídeo, o rato da cidade gostou da casa de seu amigo no campo?




2) Por que o rato do campo decidiu visitar a cidade?




3) O que ocorreu na casa do rato da cidade que deixou o rato do campo tão assustado?

Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Esse tipo de material com uma sequência imagética combinando com palavras ou frases é denominado rota lexical. Sobre esse viés, Alpendre e Azevedo (2008, p. 30) destacam que “assim as palavras serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental se a elas corresponder alguma significação, ocorrendo a leitura. Assim a leitura pelo surdo é realizada de maneira ideográfica.”

O formato de composição dessa atividade, permeada por imagens, foi muito acertado pelo grupo. Os enunciados e as questões solicitadas também se harmonizam com a intuitividade visual. Todavia, na ocasião, também ressaltamos que para iniciantes em Língua Portuguesa como segunda língua, o ideal é fornecer alternativas que contenham opções já escritas para que o estudante possa selecionar a melhor resposta. Os professores relataram que produzir esse material demandou mais tempo, mas que se sentiram animados em fazê-lo porque além de superarem o desafio de manipular imagens e organizá-las no word, perceberam que também podiam usar mais recursos imagéticos com seus alunos ouvintes. O fato deles produzirem um ensaio de uma atividade adaptada com recursos visuais provou que os docentes podem ampliar sua contribuição educacional para os surdos. Infelizmente, somente esse grupo produziu a atividade solicitada, mas sem dúvidas foi uma contribuição relevante que fora socializada.

Nesse sentido, reconhecendo a possibilidade dos professores produzirem materiais de sua autoria para mediar as aulas, buscamos contribuir formativamente

nesse aspecto adicional, conforme destaca Sampaio (2002) apud Tarouco, Abreu e Alves (2017, p. 20) “é preciso preparar o professor para utilizar pedagogicamente as tecnologias na formação de cidadãos que deverão produzir e interpretar as novas linguagens de comunicação, profundamente permeadas pela diversas formas de mídias.” Mediante os modelos e tutoriais apresentados, os professores também produziram materiais mais permeados por mídias combinando vídeo e imagens num roteiro didático.

Na segunda parte deste terceiro encontro, que compreende ao eixo de comunicação em Libras, cinco participantes postaram o vídeo em Libras narrando suas rotinas diárias. Esses vídeos foram exibidos para a turma. Nove outros cursistas realizaram essa atividade em sala de aula, relembrando sinais mencionados em encontros anteriores. O entusiasmo dos professores ao aprender Libras durante a aula de formação foi contagiente.

Figura 4 – Atividade de revisão para compreensão e produção em Libras



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Ao término do curso, a pesquisadora propôs aos participantes que relatassem suas experiências por meio de um questionário escrito à mão e os participantes foram questionados sobre o curso com as seguintes perguntas:

1) Você consegue lembrar-se de alguma estratégia de aula/avaliação que contribuiu para você ser mais inclusivo/a?

Os docentes enfatizaram a importância de incluir imagens nas atividades, de se comunicar diretamente com os alunos surdos, mesmo com a presença de intérpretes de Libras na sala, e de utilizar materiais visuais representativos para aplicação em aula, associando-os aos temas a serem discutidos. Entendemos que os participantes compreenderam de forma sucinta a proposta do curso, enfatizando a importância das atividades, o uso de recursos imagéticos e a necessidade de iniciar a comunicação em Libras mesmo na ausência de um intérprete, algo comum nas escolas públicas e privadas. É fundamental abordar estratégias alternativas para garantir a inclusão e acessibilidade dos estudantes surdos, mesmo diante desse desafio comunicacional.

2) O que você mais gostou na comunicação em Libras?

Eles expressaram satisfação ao utilizar sinais em Libras e citaram exemplos de aprendizado, como os meses do ano, os dias da semana, as disciplinas e as saudações como (olá, bom dia, boa tarde, boa noite), entre outros. Também ressaltaram a importância dos sinais em Libras para os nomes pessoais, fornecidos pelas alunas que marcaram presença no curso.

3) Diante do que aprendeu como seria sua abordagem, se hoje você tivesse um aluno surdo em sua Classe?

Diante do que foi aprendido, a abordagem ao ter um aluno surdo em sala de aula seria garantir a inclusão do aluno, utilizando recursos visuais, como imagens, vídeos e materiais ilustrativos, além de comunicar diretamente com o aluno, mesmo na presença de intérpretes de Libras. Também seria importante buscar conhecimento básico em Libras para facilitar a comunicação e assegurar que o aluno se sinta integrado e compreendido no ambiente de aprendizado.

4) Qual sugestão você daria para a formação que foi ofertada?

Na sugestão eles colocaram o tempo, quantidade de aula ofertada, pediram para continuar com o curso, colocaram também que gostaria que outros professores tivessem a mesma oportunidade que eles tiveram, pois percebem a carência de profissionais capacitados para realizar boas abordagens com alunos surdos. Acredito que, ao compartilhar esse conhecimento e experiência, podemos inspirar outros professores a se capacitarem e aprimorarem suas práticas, garantindo um ensino mais inclusivo e acessível a todos.

De modo geral constata-se a satisfação dos professores em participar da formação e que gostariam de dedicar mais tempo a fim de ter mais contato com a Libras. No que diz respeito ao tempo usufruído, desenvolvemos a proposta que a turma definiu como exequível. No que concerne a análise da pertinência da proposta estruturada e executada nos aliarmos às reflexões de Chimentão (2009 p. 4) quando comenta os pressupostos de Candau ao explicar o seguinte:

Candau (1997) apresenta três aspectos fundamentais para o processo de formação continuada de professores: a escola, como locus privilegiado de formação; a valorização do saber docente; e o ciclo de vida dos professores. Isto significa dizer que a formação continuada precisa: primeiro, partir das necessidades reais do cotidiano escolar do professor; depois, valorizar o saber docente, ou seja, o saber curricular e/ou disciplinar, mais o saber da experiência; por fim, valorizar e resgatar o saber docente construído na prática pedagógica.

Podemos justificar, de acordo com o que delineia-se para a formação continuada, que o minicurso Boas práticas pedagógicas para professores de estudantes surdos proporcionou saberes teóricos e práticos partindo dos interesses dos participantes e valorizando suas produções/saberes.

Ficou evidente nas respostas que as estratégias que incluem recursos visuais nas aulas e atividades, são maneiras adequadas de ministrar aulas para estudantes com surdez. Durante os encontros houve orientações sobre como elaborar as apresentações e atividades aglutinando elementos multimodais (imagens, GIFs e vídeos curtos), inclusive a pesquisadora observou, a posteriori, alguns docentes recorrendo aos tutoriais disponibilizados. Essas constatações acrescentam indicativos de que esses itinerários de formação continuada potencializam o aperfeiçoamento das práticas docentes. Tanto é assim que eles expressaram o desejo de que mais colegas professores tivessem acesso a esses minicursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos e refletimos sobre a relevância da formação continuada com a proposta de empregar adaptações curriculares com recursos visuais e maneiras de conduzir as atividades/avaliações de modo a tornar mais efetiva a aprendizagem do estudante com surdez. Ao mesmo tempo, também alcançamos o objetivo de proporcionar a oportunidade de iniciar a comunicação em Libras. Da

perspectiva da observação, percebemos que o desenvolvimento deste empreendimento investigativo aumentou o interesse dos participantes em poder futuramente se comunicar e recepcionar melhor um estudante surdo. O minicurso combinando boas práticas pedagógicas e comunicacionais pôde contribuir para que os professores experimentassem mais recursos visuais e uso inicial da Libras na prática pedagógica, atendendo ao questionamento proposto para esta investigação.

Os esclarecimentos pedagógicos e sociolinguísticos são fundamentais na inclusão social e educacional dos surdos e os participantes puderam se beneficiar dessas interfaces pedagógicas e comunicacionais. Desejamos que essa pesquisa auxilie na sensibilização e apreço pela Libras, fomentando uma sociedade mais acolhedora e equitativa. Expressamos nossa gratidão a todos que colaboraram com este projeto e almejamos que ele tenha um impacto socioeducacional positivo.

REFERÊNCIAS

- ALPENDRE, E.V.; AZEVEDO, H.A.; FERNANDES, S. **Concepções sobre surdez, linguagem e o aprendizado de leitura.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/417-2.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S.K. (1982). **Qualitative Research for Education.** Boston: Allyn and Bacon, Inc. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=537509>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CHIMENTÃO, L. K. O significado da formação continuada docente. In: 4 Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. ISBN: 978-85-78 46-045-7. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf> . Acesso em: 10 maio 2024.
- IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2007.
- LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F.; CAETANO,J.F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C.B.F; SANTOS,L.F. (Orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos.** - São Paulo: EdUFSCar, 2013.
- PEREIRA, V. A.; MENDES, E. G. Análise conceitual da deficiência auditiva: perspectivas históricas e educacionais. In: da COSTA, M. da P. R. (Org). **Educação Especial:** aspectos conceituais e emergentes. São Carlos: EDUFSCar, 2009.
- MARIN, Alda Junqueira. Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade. In: TIBALLI, Elianda F. Arantes, CHAVES, Sandramara Matias (Orgs.). **Concepções e práticas de formação de professores – diferentes olhares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.57-73 (Trabalhos apresentados no XI ENDIPE – Goiânia – Goiás, 2002).
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010:Atlas, 2010.
- MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- SILVA, Enoilma Simões Paixão Correia. **Formação continuada de professores da educação básica:** implicações para a prática pedagógica docente. 2016. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

- SILVA, Aline Maira da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: Ibpex, 2010.
- SILVA, L. C.; LACERDA, C. B. F.; SOUZA, V. A. **Políticas Educacionais Públicas Brasileiras destinadas à educação de Pessoas Surdas** (Unidade II). Apostila, material do Ensino a Distância, MEC, 2011.
- SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. - Porto Alegre: Mediação, 1998.
- VEIGA, S.F. **Um olhar dos professores sobre o intérprete educacional**. Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisitado a conclusão do Curso de graduação Bacharelado em Letras-Libras. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188439/TCCSilvana%20F.%20Veiga.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 15 set. 2023.